



Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**  
**Fundação Oswaldo Cruz**



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE  
JOAQUIM VENÂNCIO

**Ana Caroline da Silva Pereira**

**O ideal de beleza feminina na contemporaneidade**

**Rio de Janeiro**

**2022**

**Ana Caroline da Silva Pereira**

**O ideal de beleza feminina na contemporaneidade**

Projeto de Monografia apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Orientador(a): **Marise de Leão Ramôa**

Rio de Janeiro

2022

**Ana Caroline da Silva Pereira**

**O ideal de beleza feminina na contemporaneidade**

Monografia apresentada como requisito parcial para  
aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Aprovado em \_\_/\_\_/\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Marise de Leão Ramôa  
EPSJV/FIOCRUZ

---

EPSJV/FIOCRUZ

---

EPSJV/FIOCRUZ

Rio de Janeiro

2022

*Esse trabalho é dedicado a todas as mulheres que já sofreram ou sofrem danos psicológicos em razão da pressão estética exercida pela sociedade.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) por todo o apoio institucional durante esses quatro anos, que me forneceram uma educação pública de qualidade, o que possibilitou a conclusão deste trabalho.

Gostaria de mostrar também a minha profunda gratidão à minha orientadora, Marise Ramôa, primeiramente por ter aceitado me orientar e pela sua paciência em meio a um tempo restrito para a finalização do trabalho. Além de todo suporte durante essa etapa, me indicando textos, fazendo ótimas correções e esclarecendo as minhas dúvidas.

Agradeço também aos meus pais, Cláudia Ferreira e Mauro Pereira pela inesgotável dedicação de me proporcionar o que nunca tiveram e pelo apoio que me dão todos os dias.

Agradeço também a todos os meus amigos, que me deram suporte nessa caminhada, trocando ensinamentos.

*“Don't be dramatic,  
it's only some plastic  
No one will love you  
if you're unattractive”  
(Melanie Martinez)*

## **RESUMO**

O presente trabalho se baseia em pesquisa qualitativa, com revisão de literatura e visa abordar o ideal de beleza feminina presente na contemporaneidade, além dos efeitos do mesmo no campo da subjetividade feminina, no que tange à sua autoestima. Para tal, abordaremos o campo estrutural que foi promovendo uma subjetividade feminina associada a um ideal de beleza: o modelo do patriarcado e o machismo estrutural e a cibercultura. A questão da qual partimos é: Por que as mulheres são submetidas e/ou se submetem a um ideal de corpo, a uma imagem corporal perfeita? A partir dela analisamos como a mídia e as tecnologias da informação e comunicação (TIC) acabam idealizando um corpo feminino sem defeitos.

Palavras-chave: Beleza; Feminino; Contemporaneidade; Mulher; Estética

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
1.1 Justificativa.....	12
<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1- IDEAL DE BELEZA E FEMINISMO NA CONTEMPORANEIDADE.....</b>	<b>14</b>
4.1 Feminilidade e Feminismo.....	17
4.2 Idealização. ....	22
4.3 Feiura e sociedade do cansaço.....	23
<b>CAPÍTULO 2- MÍDIA E REDE SOCIAIS: A PRODUÇÃO DO IDEAL DE BELEZA FEMININA COMO FATO SOCIAL.....</b>	<b>27</b>
5.1 Autoestima.....	33
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>37</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>40</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A busca por um ideal de beleza esteve presente na cultura ocidental desde a Antiguidade, tanto no que tange ao feminino como ao masculino, em um movimento do culto ao corpo. Na Grécia Antiga, por exemplo, havia um culto ao belo e as Deusas Gregas eram idealizadas por padrões de beleza venerados na época, onde se exaltava a simetria (SUENAGA e LISBOA, 2012, p.5). As esculturas eram construídas com proporções perfeitas, era algo idealizado, visto que se buscava uma aproximação entre a imagem humana de algo divino. Os gregos enxergavam seus corpos como templos, e buscavam atingir um equilíbrio entre sua estrutura física, a mente e a alma. Havia também uma valorização do cuidado com a pele, estavam sempre à procura de métodos para melhorar a aparência. Em função disso, foram os pioneiros na execução de técnicas avançadas de cuidados com a pele.

O conceito de ideal foi desenvolvido por meio da psicanálise, com a distinção entre o "eu ideal" e "o ideal de eu" em "O ego e o id" (FREUD, 1923).

Marcel Mauss, em 1935, em sua obra *As técnicas corporais* contribuiu para ampliar a compreensão sobre o corpo, pois afirmou que os corpos não são apenas biológicos, mas construídos socialmente (MAUSS, 1974). É a partir dessa compreensão que vamos pensar o corpo feminino e o ideal de beleza que foram sendo construídos desde a Antiguidade até os tempos atuais.

A beleza, ao longo da história do Ocidente, não trazia apenas admiração para uma mulher, mas também um status social, pois as mulheres mais bonitas eram as que se casavam com os pretendentes mais cobiçados e bem sucedidos e conseqüentemente possuíam maior destaque social no meio ao qual pertenciam. Portanto, em decorrência dessa sociedade patriarcal, na qual o homem era visto como uma figura central e superior à mulher, ser bela não era apenas uma mera futilidade, era tido como uma das maiores qualidades de uma mulher ocidental, tendo em vista que um homem poderia possuir inúmeros atributos, já a mulher tinha como seu dote a beleza (MAZUREGA, 2019, p.1).

Isso ocorria em razão de estar presente na sociedade a narrativa de que o papel do homem era ser o provedor e intelectual e que à mulher cabia ser submissa ao homem, se encaixando dentro dos ideais de beleza. Isto posto, a construção do homem e mulher na sociedade tem relação

dicotômica, que se constrói perante uma dualidade ao pensar o gênero feminino/masculino como dominador/submissa (SOUZA, 2019, P. 29). Dentro desse pensamento dual existe a visão que a mulher é emotiva, e o homem racional, que se dá por uma construção histórica da sociedade ocidental, em que a mulher tem como ofício à maternidade e o cuidado familiar, por tanto, cabe a ela a proteção da prole, logo, uma função relacionada à emoção, já o homem tem como responsabilidade a provisão do alimento, uma função racional, que vem de um pensamento primitivo, onde o homem caçava o alimento e a mulher cuidava do lar. Assim, foi construído socialmente a ideia que a mulher é frágil e não possui a capacidade intelectual necessária para ter poder decisório, por tanto cabe ao homem realizar essa função. (SOUZA, 2019, P.35)

É necessário evidenciar que os padrões estéticos variam dependendo da cultura, ambiente, clima, religião, questões históricas e sociais (SUENAGA e LISBOA, 2012, p.4). Sendo assim, esse concepção de tratar o corpo como arte, cuidá-lo e estabelecer um padrão sobre o que é belo não ocorreu repentinamente, e esteve presente desde o princípio não só na Grécia, mas em outros povos e etnias, porém com padrões de estética diferentes, variando a depender do local.

Chegando à Idade Média (séc.V- XV) o padrão é modificado, levando em conta a hegemonia da igreja. Nessa época o corpo feminino era retratado como impuro e pecaminoso, sendo assim, a mulher precisava ter uma aparência pura, e as características que para a Igreja remetiam a essa pureza eram pele clara e sem uso de maquiagens, cabelos loiros, e um visual mais simples com um estilo angelical (SUENAGA e LISBOA, 2012, p.6). Já no período do Renascimento que se iniciou no século XVI, o corpo feminino passa a ter destaque, novamente, e o padrão altera-se para mulheres mais curvilíneas, com uma porcentagem de gordura maior, quadris largos, seios fartos e cintura bem marcada. Esse ideal se manteve até o final do século XVIII.

O capitalismo desenvolveu-se em fins do século XVIII e início do XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política (FOUCAULT, 1989: 80).

A partir do século XIX começaram a surgir muitas mudanças na área da estética em razão da maior consolidação do capitalismo. Nessa época o corpo passa a ser um objeto de consumo, havendo uma maior industrialização, novas tecnologias e uma evolução no mercado dos

cosméticos.(SUENAGA e LISBOA, 2012, p.15). No século XX o surgimento de novas mudanças nos padrões de beleza passam assim a ser contínuos em razão da influência midiática que se torna cada vez mais forte, fazendo com que a cada década as tendências venham se modificando, até chegar na contemporaneidade, onde os padrões estéticos passam a ser mediados pelas imagens, e o ideal se detalha mais em razão da mídia e do avanço da medicina e dos procedimentos estéticos.

Idade Contemporânea é uma divisão cronológica da História, compreendendo o período entre o início da Revolução Francesa, com a queda da Bastilha em 14 de julho de 1789, até os dias atuais. A Idade Contemporânea representa principalmente o período de consolidação do capitalismo como modo de produção e sua expansão por todo o globo terrestre entre os séculos XVIII e XXI. (PINTO, UOL, 2022.)<sup>1</sup>

Deste modo, a escolha do tema foi decidida com base na minha vivência pessoal, que por ser e conviver com outras mulheres, observo o quão esse padrão de beleza interfere na auto-estima e abala a confiança da maioria.

“Entende-se por autoestima a avaliação que a pessoa faz de si mesmo. Expressa uma atitude de aprovação ou de repulsa e até que ponto ela se considera capaz, significativa, bem-sucedida e valiosa. É o juízo pessoal de valor expresso nas atitudes que o indivíduo tem consigo mesmo. É uma experiência subjetiva que pode ser acessível às pessoas através de relatos verbais e comportamentos observáveis” (ASSIS E AVANCI, 2004, p.16).

As mulheres podem se sentir pressionadas a alcançar um ideal corporal determinado a partir de um contexto sócio-histórico? E por estarmos em um momento histórico onde o discurso midiático e das redes ou da cibercultura é tão presente, podemos entender que há uma influência grande da mídia e das redes sociais, que acabam ditando o que a mulher deve ter como corpo? Tal fato pode manter a mulher prisioneira de uma imagem corporal ideal e afetar a constituição da subjetividade feminina. Acaba sendo sufocante estar fora desse padrão, por trazer um sentimento de inferioridade.

Portanto, o tema é relevante pela sua atualidade e pelo fato de afetar diretamente a vida das mulheres (incluindo cis e transgênero) e poder gerar muito sofrimento, associados a distúrbios alimentares, auto imagem ou problemas psicológicos, levando a dietas restritivas que podem provocar graves problemas à saúde ou realização de cirurgias plásticas perigosas, assim como desenvolvimento de transtorno de ansiedade e fobias sociais, por sentirem que não se adequam à sociedade.

---

<sup>1</sup> Optamos por utilizar a categoria de contemporaneidade, apesar de entendermos que essa delimitação histórica se baseou em historiadores europeus.

E além de todo o sofrimento psíquico e de toda a pressão social, há também danos na vida profissional das mulheres que acabam sendo excluídas de alguns trabalhos por não possuírem “o perfil adequado”, que se caracteriza por estar dentro do padrão de imagem estabelecido. Portanto, é necessário ter uma aparência considerada apresentável, sendo exigido da mulher determinado estilo de corpo para se adequarem a certos trabalhos, como o de modelo de passarela, que estipula uma altura e perfil específico, assim excluindo quem está fora desse padrão.

Logo, é importante reunir informação sobre o assunto, mostrando como a busca pelo padrão de beleza e pela "perfeição" acaba afetando a saúde física e mental das mulheres.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho foi realizado com base em uma abordagem qualitativa, com a utilização de uma pesquisa bibliográfica. As estratégias utilizadas foram revisão de literatura por meio de um levantamento de artigos buscados nas plataformas Google acadêmico e Scielo. Para desenvolvermos a relação entre ideal de beleza feminina e contemporaneidade abordamos o contexto histórico do patriarcado e do machismo estrutural e de uma sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997), assim como de uma sociedade do desempenho (HAN, 2014) e a constituição dos conceitos de beleza, feminino, ideal e contemporaneidade. A pesquisa visou responder a seguinte questão norteadora: "O que leva as mulheres a serem submetidas a um ideal de corpo, à ideia de uma imagem corporal perfeita?". Para isso, foram desenvolvidos dois capítulos.

O primeiro aborda sobre a questão do ideal, do feminismo e da contemporaneidade com a finalidade de entender porque a beleza é uma questão ligada tipicamente ao gênero feminino e o papel da modernidade na construção e desconstrução dos padrões de beleza.

O segundo capítulo busca analisar sobre mídia e redes sociais para identificarmos o quão a cibercultura interfere na construção desse ideal de imagem feminina e que gera questões relacionadas à autoestima das mulheres.

## **Capítulo 1- Ideal de beleza e feminismo na contemporaneidade**

Na contemporaneidade- período histórico definido pelos europeus e que se caracteriza nos dias atuais pela expansão do capitalismo como modo de produção em todo o mundo, processo conhecido como globalização-, o ideal de beleza acaba surgindo como um acordo mundial, ditando padrões de belo e definindo conceitos, induzindo um estereótipo de perfeição para a sociedade, na qual a mídia controla as características que vão dar definições de bonito ou feio, introduzindo essa verdade de forma quase que imperceptível por meio de campanhas publicitárias, televisão e pela internet. E, quando menos se percebe, seu julgamento pode ser afetado.(CAMPOS, 2010, P.22).

Mesmo com as diferenças culturais e sociais, existe um consenso sobre o que é considerado feio e a mulher para estar no patamar de beleza precisa não possuir essas características. Dessa forma, marca a subjetividade feminina, que desde a infância vê como "defeitos" características que a maior parte das mulheres possuem, como celulites, estrias, espinhas, pêlos e gordura. Apesar de serem características naturais, ainda existem julgamentos para quem está fora desses padrões, o que denota claramente o quanto o corpo não é somente biológico e que ocorre um controle dos corpos nas sociedades disciplinares (FOUCAULT, 1987), de controle ( DELEUZE, 1990) e de desempenho (HAN, 2010). O que estaria presente, podemos dizer, seria uma cultura da imagem. Gilles Deleuze demonstra que a passagem de uma sociedade disciplinar para uma sociedade de controle, tem como estratégia fundamental transformar a imagem em pura informação, sem que questionemos ela. Esse é o caso da cibercultura, termo que, segundo Pierre Levy (2009, p. 17), significa o "conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atividades, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço". Já o ciberespaço, segundo o autor (2009) é o espaço da comunicação aberto por meio de uma interconexão mundial dos computadores e que é necessário selecionarmos as informações e organizá-las em grupos /comunidades para que haja a possibilidade de criação de uma inteligência coletiva. (Lévy, 1998, P. 42), Caso isso não ocorra, teremos uma cultura da informação de consumo, por via de uma vivência isolada e não a construção de uma experiência que dê contorno à imagem. O conceito de experiência (*Erfahrung*) de Walter Benjamin (1933), na publicação "Experiência e Pobreza", se refere à experiência tradicional da coletividade, que produz contratualidade social, e entrou em declínio na Modernidade, dando lugar à vivência (*Erlebnis*), uma percepção individual e solitária.

A sociedade contemporânea, entendida como aquela desenvolvida desde o período da Revolução francesa até os dias atuais, foi descrita por Debord(1997) como sociedade do espetáculo,

que substitui o cogito cartesiano “Penso, logo existo”(DESCARTES) pelo “ Sou visto, logo existo (QUINET, 2002).

Com isso, uma problemática que surge nos dias atuais é o aumento do número dos procedimentos estéticos e cirurgias plásticas que são feitos, em sua grande maioria, pelo público feminino. De acordo com a Sociedade brasileira de cirurgia plástica (SBCP) o número de adolescentes que fizeram esses procedimentos aumentou 141% nos últimos anos. Em 2016 foram realizados mais de 1,4 milhões de procedimentos estéticos no Brasil e cerca de 6,6% foram feitos em adolescentes. Mas, as mulheres na fase adulta são as que mais procuram esses procedimentos, submetendo-se não só a intervenções cirúrgicas, mas também a tratamentos como uso de cremes e medicamentos para parecer mais jovem. Logo, a contemporaneidade tem como um de seus principais inimigos o envelhecimento, e as mulheres sofrem por viverem em uma sociedade que não aceita as consequências do avanço da idade, e incentiva o consumo e a busca na medicina estética por procedimentos que amenizem o envelhecimento e tornem a aparência o mais jovial possível. (SANTOS, 2013, P.8).

Além disso, o número de procedimentos tende a crescer, segundo os dados apresentados pelo a ISAPS<sup>2</sup> (The International Society of Plastic Surgery ) o Brasil liderou o ranking de país que mais realizou cirurgias plásticas no ano de 2018 e 2019, superando os Estados Unidos. E, em 2020, foi a nação que executou mais procedimentos cirúrgicos na face, cerca de 438,8 mil em um período de apenas um ano, com ênfase em blefaroplastia- cirurgia na pálpebra- e rinoplastia- cirurgia no nariz-, que foram os procedimentos mais realizados.

Esse aumento no número de procedimentos não está afetando apenas o Brasil mais outros vários países do mundo. A Coreia do Sul, por exemplo, é o país que realiza o maior número de cirurgias plásticas per capita, que em sua maioria são feitas em sua capital, Seul. Lá, os procedimentos estéticos estão tão disseminados que é comum que os pais deem de presente cirurgias plásticas para jovens e adolescentes em datas comemorativas ou como recompensa ao passar em uma faculdade, entretanto, esse aumento tem sido prejudicial, visto que, fazer uma cirurgia plástica lá acabou se tornando algo muito comum, socialmente aceito e incentivado, o que levou a uma grande pressão sobre quem não possui, ou quem não tem como pagar, resultando em

---

<sup>2</sup> Sociedade internacional de cirurgia plástica e estética

muitas mulheres que acabam realizando esses procedimentos em locais pouco confiáveis e terminam tendo suas faces danificadas por procedimentos mal feitos (BBC, 2014).

Logo, o aumento na procura por procedimentos estéticos é preocupante, à medida que acaba banalizando a prática e a tornando comum, o que leva a consequências, pois gera uma falsa sensação de segurança, como se esse tipo de intervenção não pudesse gerar danos à saúde. Oculta-se a quantidade de cirurgias plásticas que resultam em consequências como infecções, trombose, deformações ou até mesmo em morte. No entanto, em razão do capitalismo, esses dados não são apresentados, tendo em vista que é um mercado extremamente rentável.

Podemos afirmar que esse ideal de corpo é uma concepção do branco europeu, em razão da hegemonia da Europa que se intensifica com o processo de expansão do território e colonização de outros continentes, nos séculos XV e XVI, e tal influência na cultura, costumes e comportamentos das sociedades se dá até a atualidade, e mesmo com as discussões sobre decolonização ou decolonialismo, ainda há uma exaltação do ideal europeu e exclusão de muitas mulheres que estão fora dele, e que possuem, então, características que passam a ser consideradas feias. As mulheres afrodescendentes, por exemplo, que possuem características que se diferem das européias, acabam não se encaixando e sendo excluídas. Visivelmente percebe-se que em filmes, séries, passarelas e nos concursos de beleza que a maior parte das mulheres são brancas e, quando há mulheres afrodescendentes, elas não possuem destaque, e quando recebem evidência na maior parte das vezes acontece por possuir características que as enquadre no ideal de beleza que é ditado pela sociedade influenciada pelo padrão europeu.

É preciso enfatizar também que esses padrões atingem todas as mulheres, ainda as que estão imersas nessa *cultura do ideal narcísico*. Pode perceber isso quando se observa atrizes, modelos, blogueiras entre outras, que sempre foram consideradas "perfeitas" realizando procedimentos estéticos, consolidando a ideia da mídia de que sempre se pode e deve melhorar.

Portanto, a imagem da mulher ao longo da história sempre esteve associada à beleza, e muitos desses padrões históricos construídos há séculos ainda estão presentes em nossa vida moderna. Entretanto, atualmente esse padrão está cada vez mais intenso e aprisionante, sendo a beleza associada ao sucesso e tendo a mídia como promotora dessa *ditadura da beleza*, vendendo a imagem da mulher *realizada* como aquela que se ajusta a esse ideal de beleza.

## 1.2 Feminilidade e Feminismo

O movimento feminista que ganha força no século XIX, tem em suas obras literárias pensamentos que visam tirar a mulher do papel de opressão e submissão que as mesmas são inseridas dentro do sistema patriarcal, e lutar por uma igualdade de gênero, buscando encerrar o caráter hegemônico que o sexo masculino detém sobre o feminino. O movimento em si, abre portas para variadas vertentes, mas tem como centralidade lutar pela autonomia das mulheres.

Dessa forma, partindo do pressuposto que a imagem da mulher é interligada ao seu corpo, o movimento ajuda a refletir sobre a disciplinarização dos corpos femininos, analisando a tamanha submissão e necessidade de suprir as expectativas que o sexo oposto detém sobre as mesmas. (CAMPOS, 2010)

As mulheres ocidentais ao longo dos séculos tiveram como seu papel principal na sociedade, a maternidade. Pelo fato de possuírem as características biológicas necessárias para a geração de um bebê, foi colocada toda responsabilidade da criação da prole sobre elas, enquanto os homens assumiram um papel secundário nesse cenário. Isso acabou prejudicando o desenvolvimento pessoal das mesmas, pois cuidar dos filhos sem auxílio gastava tempo e produzia perda da autonomia.

Consequente, a maternidade teve um caráter central na construção da identidade feminina, definindo ser mãe como algo natural da mulher, colocando-as em segundo plano. Visto que, enquanto o homem podia se desenvolver profissionalmente e intelectualmente, a mulher ocupava um papel secundário na sociedade, responsável pela criação dos filhos e sendo vista como uma propriedade do marido, um bem, um objeto. (CAMPOS, 2010)

Dessa forma, o modelo patriarcal faz com que as mulheres precisassem ser aceitas pelos homens. Assim, dentro de suas criações, eram ensinadas a serem boas esposas, para que no futuro pudessem se casar e criar uma família, onde teriam filhos e seriam donas de casa. A consequência disso foi a criação de uma dependência do sexo masculino, pois as mulheres passam a se moldar para agradá-los, assim garantindo um futuro, que era a única forma possível para a maior parte das mulheres, tendo conhecimento que o mercado de trabalho feminino era precário, e as mulheres que trabalhavam, conseguiam vagas de empregos e salários inferiores aos dos homens.

Assim, culturalmente foi desenvolvida a ideia de feminilidade, onde o ser mãe era colocado como algo naturalmente feminino, e eram impostas determinadas características que as mulheres deveriam possuir para serem femininas. A construção dessa feminilidade, em primeiro momento, demonstra o caráter machista da sociedade, onde a imagem da mulher é pautada na maternidade,

na docilidade e na passividade. Desse modo, essas características eram dadas como propriamente femininas, algo natural desse sexo, em contrapartida, a sociedade prezava por uma disciplinarização da natureza feminina, onde declaravam que as mulheres deveriam ser domadas para seguir o destino ao qual estavam designadas. O que por si só, já gera uma contradição, visto que, se a submissão já é propriamente algo da natureza feminina, como é declarado pelo discurso masculino, as mulheres não precisavam ser doutrinadas para possuírem essa “feminilidade”.

Logo, essa delimitada noção de feminilidade, é vista como, na realidade, uma farsa que o discurso machista cria para aprisionar os corpos das mulheres. (ALMEIDA, 2012, P.30) Com o passar dos anos, e com a ascensão do movimento feminista, houve um avanço da participação feminina no mercado de trabalho, porém, mesmo com as conquistas obtidas, é necessário enfatizar que a sociedade enfrentou, e ainda enfrenta uma transição em relação ao modelo de vida patriarcal. Portanto, ainda há um conflito entre o passado e a atualidade e pensamentos retrógrados e machistas ainda são comuns nos dias atuais. (LOUREIRO, 2014, P.16) Ademais, com as mulheres se desenvolvendo profissionalmente, houve uma necessidade de controlar a ascensão feminina.

Naomi Wolf em sua obra *O mito da beleza (1991)* afirma que a ligação da mulher com a beleza e com o consumo no século XXI decorre do fato de que a sociedade patriarcal estava se sentindo ameaçada com as mulheres possuindo maior liberdade e espaço no mercado de trabalho e necessitavam fazer algo para impedir a ascensão feminina. Assim, como um mecanismo de defesa para a garantia a hegemonia masculina, passa a surgir com maior intensidade uma pressão a respeito da estética feminina, retomando a ideia de que a beleza física é o valor mais relevante que uma mulher pode possuir, superior até ao seu desenvolvimento acadêmico. Posto isso, constrói-se um protótipo de mulher de sucesso e feminina do século XXI, que precisa ser inteligente, bela, e cuidar de seu corpo, realizando manutenções e se entupindo de produtos que a façam parecer jovem para sempre. Assim, o ideal traz a juventude, a saúde e a beleza como os pontos-chaves da feminilidade na sociedade contemporânea. (SILVEIRA, MELO E CRUZ, 2021, 255)

Entretanto, ao longo dos últimos anos, vem surgindo uma evolução no olhar sobre o corpo feminino, em relação ao passado, e há uma naturalização dos aspectos físicos, antepostos a grande pressão estética. As feministas tentam mostrar que as mulheres não precisam estar dentro dessa estética para serem bonitas.

Atualmente, artigos e matérias que visam alertar sobre transtornos alimentares estão disseminados na internet, onde orientam sobre os perigos da obsessão por dietas e pela magreza.

As feministas buscam aumentar a autoestima das mulheres, ao compartilharem vídeos e fotos mostrando corpos naturais, sem *photoshop* e alertando que o que está na internet nem sempre é real, logo, não devem se comparar. Além disso, há uma maior pluralidade de corpos e raças nos comerciais e revistas. Hoje, podemos ver mulheres negras, idosas e gordas na televisão, o que não era comum a trinta anos atrás. (WOLF, 2015)

No entanto, por mais que exista uma certa evolução em alguns pontos, a pressão estática sobre os corpos femininos não chegou ao fim, ela apenas mudou para se adaptar ao contexto atual. (WOLF, 2015)

Mas, é preciso enfatizar, que dentro desses aspectos, há também uma grande crítica ao movimento feminista, com base no fato de que na época a qual foi instituído, o movimento abordava as problemáticas de um seletivo grupo, o de mulheres brancas, e, inicialmente não eram aplicadas estratégias de equidade, que visassem entender que a vida de algumas mulheres era diferente e mais complexa do que a de outras. Logo, somente a igualdade não iria funcionar. Por isso, muitas mulheres se sentiam excluídas já que enfrentavam problemáticas diferentes. Bell Hooks, importante ativista norte-americana negra, escreve o livro *E Eu não sou uma mulher?*, onde discute sobre a desigualdade, já que além da opressão pelo gênero, havia também, pela raça.

*“Para mim, o feminismo não é simplesmente uma luta para acabar com chauvinismo masculino ou um movimento para garantir que as mulheres tenham direitos iguais aos dos homens; é um compromisso para erradicar a ideologia de dominação que permeia a cultura ocidental em vários níveis – sexo, raça e classe social, para citar alguns – e um comprometimento de reorganizar a sociedade dos Estados Unidos de maneira que o autodesenvolvimento das pessoas possa preceder o imperialismo, a expansão econômica e os desejos materiais.”* (HOOKS, 1981)

Isto posto, mesmo que a maior parte dos movimentos feministas do século XXI visem englobar todas as mulheres, lutando por suas causas de maneira singular e coletiva, isso é algo recente e por muitas décadas houve um descaso em relação a diversas mulheres como pretas, indígenas e transgêneros que ainda na atualidade se sentem excluídas do movimento.

Assim, decorrente do caráter eugenista<sup>3</sup> da sociedade, associado à colonização, desenvolveu-se a proposta de embranquecimento populacional e da formação de uma raça pura, que seria branca e que traria os genes europeus. Tal proposta tem como base a "teoria" do *darwinismo social*, advinda da pesquisa de Charles Darwin sobre a evolução das espécies, que

---

<sup>3</sup> Teoria que defende o aprimoramento da espécie humana por meio de uma seleção tendo como base as leis genéticas.

pautava-se na seleção natural, que apresentava a evolução da espécie à preservação daquilo que é útil. Dessa forma, os que não conseguem se adequar acabam morrendo, e os mais aptos passam seus genes aos seus descendentes. Assim resultando na sobrevivência dos animais mais adaptáveis. É necessário salientar que a tese de Darwin foi deturpada e em suas pesquisas que originaram o livro "*A origem das espécies*"(1859), ele não defende que os povos brancos são superiores. Mas, elas acabam abrindo portas para diferentes interpretações. Em suma, o *darwinismo social* propunha que existiam sociedades que eram superiores às outras, e os povos europeus se consideravam uma raça diferente e melhor que as outras, tendo em vista que se julgavam intelectualmente e fisicamente mais aptos. Logo, os outros povos deveriam deixar de existir, pois eram considerados como uma raça inferior. Isso posto, o início do século XX é demarcado por uma segregação racial, que se interliga com a beleza, pois as mulheres de raças diferentes das brancas eram consideradas inferiores. Portanto, não apareciam em revistas, em propagandas e não poderiam ser símbolos de beleza. Dessa forma, podemos ver o quão imbricado está o racismo e o machismo. (BOLSANELLO, 1996)

Os grupos segregados foram invisibilizados por anos, assim, sua estética e beleza não eram assimiladas a um ideal devido a fatores históricos que já implicam em uma subalternização desses povos, em razão da escravidão e da colonização dos povos africanos, indígenas e asiáticos. Logo, as desigualdades sociais se apresentam na sociedade atual, visto que não houve estratégias de reparação histórica. Temos um cenário no qual as mulheres pretas ainda hoje são dadas como inferiores, não só na área da estética, como no mercado de trabalho.

Essa exclusão resulta em uma perda de autoestima e sentimento de não pertencimento decorrente dessa sociedade racista. As mulheres pretas, na sociedade ocidental, por muitos séculos, não eram vistas como um ideal de beleza. Como então conseguir produzir algo no campo da autoestima se o ideal de beleza era o da mulher branca europeia? O corpo da mulher negra não é exaltado, porém, por mais que não sejam socialmente consideradas dentro dos padrões, há uma sexualização e fetichização sobre os seus corpos, decorrente da colonização brasileira. No qual, não são consideradas boas para casar, só para "ficar". (MIZAEL, 2016, P. 20)

Esses pensamentos ainda estão presos na mentalidade da sociedade, o racismo ainda é uma realidade, e mesmo passando tantos anos de pós- abolição da escravatura, ainda há inúmeras pessoas que tratam mulheres pretas com inferioridade e não tão belas.

Desse modo, a beleza exterior feminina afeta todos os âmbitos da vida da mulher, incluindo pessoal e amorosa, resultando em relações românticas cada vez mais fragilizadas. As pessoas procuram juventude e beleza em seus parceiros. Assim, isso afeta não só os relacionamentos de mulheres pretas, como as de mulheres brancas também.

No entanto, há um avanço, hoje. As mulheres negras se sentem mais à vontade para usar cabelos e trajes tradicionalmente africanos, dessa forma, o fardo de usar chapinha já não é obrigatório como era há décadas atrás, onde os cabelos black, cacheados e crespos não eram exaltados. Hoje podemos ver modelos negras na televisão, nos comerciais e revistas, que utilizam seus cabelos naturais. No entanto, isso não é uma vitória por completo e ainda há uma mentalidade velada na sociedade, que intitula cabelos de mulheres negras como “duros” ou “ruins”.

Além disso, há um progresso em relação à indústria de brinquedos infantis, com a implementação de bonecas com maior pluralidade de raça. Até pouco tempo era comum que todas as bonecas das lojas fossem brancas, com olhos claros e cabelos loiros, não existindo uma grande representatividade de brinquedos que fugiam do padrão europeu. As primeiras Barbies<sup>4</sup> negras só começaram a ser comercializadas após 1980, em quantidades limitadas, mas, hoje, há uma diversificação maior, ainda que a grande maioria delas siga o padrão, elas também passaram a ser vendidas com cores, cabelos e corpos distintos. Entretanto, essa mudança ainda não comprova uma evolução por completo. No mercado, ainda é visto uma grande escassez de bonecas com corpos e cores diferentes. Em um levantamento feito por uma campanha brasileira da Avante – Educação e Mobilização Social, que é uma organização da sociedade civil (OSC), chamada "Cadê a nossa boneca?" (2018), foi comprovado que apenas 10% das bonecas produzidas no Brasil são pretas, o que é uma representatividade muito pequena para um país onde, segundo o IBGE, a maior parte da população, aproximadamente 53%, é parda e preta. Para além disso, a mudança da Barbie, que visava trazer mais diversidade, não teve muito sucesso, à medida que as bonecas com a aparência da Barbie original ainda são mais vendidas, em razão de que os consumidores ainda almejam o perfil da boneca original. (BROGLIO; ECHEVERRE; BAILONI, 2021, P.47)

É importante ressaltar que a implementação de bonecas que possuem diversidade de tons de pele, cabelo e corpo são extremamente importantes. Visto que, demonstra uma desconstrução do ideal, e faz com que as crianças possam se sentir incluídas. À medida que os brinquedos que

---

<sup>4</sup>Marca de bonecas pioneira no mercado de brinquedos que retratam figuras femininas adultas, criada em 1959.

fazem uma representação da figura humana, são atores sociais e têm um papel importante no desenvolvimento infantil, pois passam a ser uma figura exemplar.

Dessa forma, é notório que os brinquedos incorporam o estereótipo da sociedade, podendo restringir tudo aquilo que é considerado fora do padrão, por conta disso, ainda encontram-se a dificuldade de representação. Para além disso, as indústrias como um todo, prezam pelo lucro, dessa forma preferem fabricar brinquedos que se adequem a grupos sociais maiores, visando atingir muitos consumidores, fazendo com que algumas minorias, como pessoas com deficiências ou com distúrbios hereditários como, por exemplo, o albinismo fiquem de lado.(BROGLIO; ECHEVERRE; BAILONI, 2021, P.50)

### **1.3 Idealização**

A idealização vai ser uma intensificação de uma fantasia, criada por meio da necessidade afetiva do ser, que busca a satisfação com a realização dessa utopia. Dessa forma, a beleza é idealizada, logo ela vira o objeto capaz de satisfazer o vazio interior, confortando, visto que promete ao indivíduo restabelecer a felicidade, a auto-estima e a autoconfiança, como se fosse a única opção para a satisfação pessoal. (SILVA E REY, 2011, P .58)

De acordo com Freud, o ideal do eu seria o *eu* verdadeiro da infância, onde o ser desfruta do narcisismo. É nessa fase que o sujeito se valoriza em toda sua completude. Esse *eu* surge das relações parentais que por amarem o filho, criam uma figura idealizada, não pensando de maneira crítica. Já em relação ao ideal do eu, esse diz respeito a uma relação exterior ao indivíduo, são as exigências as quais o ser se esforça para cumprir, a medida que sente necessidade de restabelecer essa perfeição narcisista que ele perdeu ao sair da infância. (SILVA E REY, 2011, P .57)

### **1.4 Feiura e sociedade do cansaço**

Desde os tempos antigos, o feio esteve ligado a aspectos negativos e abomináveis como à maldade, à inutilidade e ao egoísmo. Diante disso, a feiura moral- o caráter desprezível de um indivíduo, é interligada com a aparência física, na cultura cinematográfica e literária. Nos poemas homéricos,

ao descrever personagens heróicos, ele descreve-os com características fisicamente belas, exaltando seus corpos, já os personagens perversos e imorais, possuíam uma fisionomia horrenda. Essa característica homérica apresenta uma verossimilhança com a cinematografia e literatura atual, onde ainda vemos que os personagens perversos e maléficis tendem a ser menos belos que os bonzinhos, os heróis. Os vilões de filmes infantis, por exemplo, frequentemente tendem a ter uma imagem grotesca e assustadora.(RUFINO, 2013, P.5)

Logo, quando se vê um personagem esteticamente feio, com características que fogem do padrão, as pessoas tendem a não apreciar, à medida que estão acostumadas a ver sempre aquele ideal de pessoa na cultura midiática. Dessa forma, a cultura influencia, desde a infância, a concepção de feiura como sendo uma característica negativa, e em contrapartida, a beleza é positiva, assim, pessoas belas seriam mais íntegras e bondosas. (RUFINO, 2013, P.4)

De acordo com o dicionário Michaelis online, o significado de beleza é “ Caráter do ser ou da coisa que desperta admiração ou sensações agradáveis (auditivas, gustativas, olfativas, visuais etc.): Acordou triste, mas a beleza da manhã reanimou-a.”. Assim, a beleza vai despertar algo em quem vê, uma sensação de prazer, de agrado.

Um estudo feito pelo Max Planck, Instituto de Estética Empírica Alemã, publicado no artigo “*A arte alcança dentro: a experiência estética, o eu e a rede de modo padrão*” (2013), afirma que o cérebro humano associa beleza a uma visão prazerosa, e que o ser humano já possui um estereótipo de beleza enraizado no cérebro. O estudo explica que dentro do córtex orbitofrontal medial há uma atividade neuronal que responde ao belo. Dessa forma, ao considerarmos algo bonito essa zona é ativada, e, mesmo que a beleza seja considerada subjetiva, existem algumas características que o cérebro reconhece e estimula como belo. Logo, esse estudo ajuda a entender que possuímos características introjetadas como belas, porque vivemos dentro de uma sociedade, dessa forma, nosso cérebro filtra o que achamos bonito, e essa beleza vai trazer sensações. (EDWARD; VESSEL; RUBIN, 2013, P.4)

O cientista Edward Vessel diz: "Quando vemos algo além de nossas expectativas, pedaços locais de tecido cerebral geram pequenos ‘átomos’ de afeto positivo. A combinação de muitos desses sinais no sistema visual contribui para criar uma experiência esteticamente agradável”.

Já o contrário dela, a feiúra, vai causar uma sensação de incômodo e desagradado ao visualizador, assim, essa característica será marginalizada. Quando se possui um traço considerado

feito, o indivíduo se sentirá incomodado por tê-lo, mesmo que não implique na sua qualidade de vida. (BIRMAN, 2018, P.2)

Assim, a beleza vai ser dividida entre o ponto de vista estético amoroso e o ponto de vista da sociedade. Do ponto de vista estético subjetivo ou amoroso, a beleza é dada como uma característica particular, inusitada e que surpreende. Quando pensamos na sociedade, isso se torna algo contrário, já que a beleza exigida precisa estar dentro de uma norma, e não pode nunca fugir dela. A beleza não deve ter surpresa, deve ser clara e fácil de identificar, logo, para isso ocorrer, ela precisa estar bem delimitada em relação aos padrões e não se deve considerar o diferente, o que possui uma aparência inesperada. Dessa forma, o belo preza por uma padronização. (BIRMAN, 2018, P.3)

Para a sociedade moderna, a feiura é algo inaceitável e isso implica em uma dimensão ética, pelo fato de que, por haver uma evolução na Medicina, não submeter seu corpo a este ideal passa a ser considerado quase uma ofensa. Logo, na Modernidade, o corpo passa a ser o objeto de contemplação da humanidade, e a forma de mostrar sua evolução, uma vez que exhibe o progresso da ciência. (NOVAES, 2011, P.46) Chegar ao patamar de corpo perfeito será o marco do processo evolutivo, que compõe uma saúde perfeita, juventude e beleza. A beleza se torna um dever moral, e estar distante dela demonstra um fracasso pessoal.

De acordo com Mikhail Bakhtin, o corpo perdeu a sua totalidade na contemporaneidade, e passou a ser individualista, assim, algumas partes deixam de ser vistas por seus papéis de importância no funcionamento do corpo e passam a ser individualizadas. O nariz, a boca, os seios, por exemplo, são características que passam a serem vistas exclusivamente, dessa forma, os traços não podem estar fora do padrão vigente, precisam ser moldados para torná-los perfeitos, resultando em uma necessidade imposta de realizar procedimentos como a rinoplastia, preenchimento labial e prótese de silicone caso fujam do padrão.(NOVAES, 2011, P.54)

Logo, a feiura se caracteriza como uma ruptura da beleza e da estética, portanto é preciso se modificar, e essa quebra traz uma gratificação social. (NOVAES, 2011, P.73) O feio é grotesco e vive nas sombras do constrangimento, sendo alvo de sua própria anatomia.

Dessa forma, dentro da sociedade, a feiúra é marginalizada, embora seja real e comum. Ter características consideradas desarmônicas ou grotescas é algo natural de todos os seres, mas, como as pessoas não querem estar inseridas no patamar da feiura, ela se torna uma vilã, porque atinge o ser, e afeta a imagem pessoal do corpo, pensar que não somos totalmente bonitos e harmônicos

causa uma inquietude. Logo, o feio é desprezado porque ele mostra o desconhecimento que o ser possui em si próprio. (BIRMAN, 2018, P.5)

Para a sociedade moderna moldada nos preceitos do capitalismo, o feio não possui espaço, à medida que ele remete a características como ruim, inútil ou não funcional, que são condições contrárias à ideologia de um sistema econômico que preza por aspectos que considera positivistas e progressistas.

Byung-Chul, filósofo coreano, em suas pesquisas sobre a denominada “Sociedade do cansaço” contribui para entender a contemporaneidade, à medida em que busca entender os impactos que o modelo produtivo da última fase do capitalismo tem interferido na saúde mental da sociedade. Em seu livro “*Sociedade do desempenho*”, ele afirma que o modelo de vida do século XXI é automatizado e tem como um princípio a produtividade. Logo, as pessoas são instigadas a viver uma vida cada vez mais acelerada, caso contrário são dadas como fracassadas ou preguiçosas. A modernidade preza pela correria e pela falsa sensação de equilíbrio.

Logo, na modernidade, presenciamos uma transição de uma sociedade disciplinar para uma sociedade de desempenho. Segundo Han(ano), a sociedade disciplinar era marcada pela negatividade, que prezava pela obediência. Já a sociedade atual é moldada por sujeitos do desempenho. No entanto, esse desempenho conta com a etapa passada da disciplina, que preparou os sujeitos para ele. (REGATIERI, 2015, P.4)

A produtividade vem com a ideia de conquistas ilimitadas, que tudo é fácil e rápido, o que gera um estímulo ao indivíduo em primeiro momento, mas é possível perceber que as realizações levam tempo e esforço, e que, diferente do esperado, essa vida produtiva é cansativa, o que acaba resultando em frustrações.

Logo, esse ideal de vida projetado pelo capitalismo mesmo falho e utópico, é o que é pregado na Modernidade. Assim, a beleza também será atingida por esses pensamentos, e dentro da ideologia capitalista, se deixar ficar feio, em meio a tantas possibilidades de ascensão é uma ofensa. Logo, isso interliga-se ao pensamento de uma *sociedade do espetáculo* (DEBORD, ano). visto que, você pode até não ser perfeita, mas deve parecer ser, e consumir até chegar a essa imagem de ideal, de perfeição.

Dessa maneira, as consequências que esse estilo de vida causa, é a criação de um cenário patológico de transtornos psíquicos, como a depressão, a ansiedade, e a síndrome de burnout, que são as respostas do corpo humano para esse excesso de exigência. (REGATIERI, 2015, P.1)

## **Capítulo 2- Mídia e Redes Sociais: a produção do ideal da beleza feminina como fato social**

Dentro do pensamento sociológico trabalhado pelo filósofo Émile Durkheim (1895), ele acreditava que a sociedade se mantém unida quando as pessoas que estão inseridas nela partilham de opiniões e crenças em comum. Desse modo, utilizando o conceito de *fato social* -para algo ser considerado um fato social, precisaria ser um pensamento onde todos os indivíduos entrem em comum acordo-, Durkheim enfatiza que nada partiria apenas da vontade de um só indivíduo e que os fatos deveriam ser aceitos pelo coletivo. Dessa maneira, ele entendia que a vontade coletiva

prevalece sobre a individual. Assim, há influências que a sociedade impõe sobre o pensamento individual e coletivo, que se relacionam com a construção do pensamento e da formação psíquica de cada ser. Portanto, seu pensamento presume que tudo dentro do que tange a uma sociedade, é uma construção social, inclusive nossos corpos. (GALANTE, 2021, p.2)

Relacionando o fato social com a teoria de Marcel Mauss, que diz que os corpos não são apenas biológicos e sim construídos socialmente (MAUSS, 1974), podemos afirmar que o corpo e a concepção de estética e beleza são frutos de construções sociais, que ocorreram desde as primeiras civilizações até os dias atuais e que essa concepção sobre o que é belo não é feita por um único indivíduo, mas surge com a idealização que cada sociedade impõe sobre os corpos e que acaba se tornando um senso comum entre as pessoas. Assim, é criado um padrão e quem é incumbido de defini-lo é quem possui poder sobre grande parte da sociedade. Dessa forma, são essas pessoas que introduzem esse ideal e que fazem com que a sociedade seja submetida a reproduzir esse modelo de beleza.

Para pensarmos na atualidade é de suma importância voltarmos ao passado, percebermos que os padrões estéticos que se encaixam dentro dos padrões de beleza atual vem sendo construídos há séculos e são frutos das relações sociais.

A maior influência de beleza que há no mundo é a europeia, idolatram mulheres que possuem as características que são comuns a sua população, ou seja, pele branca, olhos claros, cabelos loiros entre outros, e essa influência foi imposta por meio da colonização da Europa sobre outros continentes e também pela grande influência que essa região teve, visto que o território foi berço dos mais poderosos e influentes países do mundo. E, ao espalhar seus modos de vida, impôs um ideal de beleza. Dessa forma, até os dias atuais, as mulheres que estão dentro desse estereótipo são consideradas mais belas do que as que estão fora dele. Isso gera uma exclusão de milhares de mulheres. No Brasil, por exemplo, um país miscigenado por via do movimento eugenista, a maior parte do público feminino é composta por mulheres que estão fora desse modelo vigente.

Entretanto, o padrão não é seguido à risca mundialmente, mas pode-se ver que ele não sofre grandes modificações. O perfil é parecido, mas vai sofrer uma adaptação cultural, regional e biológica, visto que, cada região possui populações com características genéticas distintas. (CAMPOS, 2010, p.21)

É importante enfatizar que a beleza está interligada a aspectos sociais até os dias de hoje, à elite, às pessoas mais ricas e poderosas, que têm determinado domínio sobre as outras, influenciam

sobre o que é belo, exercendo controle sobre como as mulheres devem se vestir e o que devem possuir. Assim, hoje, vive-se na sociedade do consumo, onde as pessoas são instigadas a ter o que é considerado ideal, para se sentirem pertencentes à sociedade e felizes, e isso não se relaciona apenas a bens materiais, mas também ao próprio corpo. A beleza é comprada e se você não possui uma estética voltada ao padrão, é obrigado a pagar para tê-la, e quem não pode pagar é estigmatizado. (NETTO, 2020, p.4)

Além disso, é preciso enfatizar que o corpo da mulher é muito mais pressionado a seguir padrões do que o corpo do homem, já que a preocupação com a beleza acabou sendo associada ao gênero feminino. Posto isso, diariamente são produzidas falas depreciativas sobre os corpos femininos, alimentadas pelas redes sociais, pelo capitalismo que criou a "indústria da beleza", e que justamente impõe esses ideais inalcançáveis, para lucrar com as inseguranças que eles criaram sobre as mulheres, ao idealizar um estereótipo que é fora da realidade. Que impõe que a mulher precisa se cuidar, isso inclui fazer as unhas, pintar o cabelo, passar maquiagem, tirar os pelos das sobrancelhas, fazer sessões de depilação entre muitas outras obrigações que são colocadas como próprias ao corpo feminino, e que, caso não sejam feitas, são vistas como mulheres desleixadas.

Portanto, chegamos a um paradoxo: por anos as mulheres lutam para se libertarem da sociedade patriarcal que desencadeou o machismo estrutural, assim tentando se desprender das imposições feitas sobre seus corpos e a objetificação deles, e a mídia em parte apoia a luta das mulheres, porém, ao mesmo tempo, dita regras que expressam o contrário, fazendo com que as mesmas passem a ser cada vez mais reféns de seus corpos. (MARTINS, 2004, p.14)

Desse modo, chegamos à era das redes sociais, onde há o consumo em massa de sites que tem como objetivo promover comunidades virtuais, onde são compartilhadas imagens, vídeos e textos. E nos últimos anos, muitas pessoas acabam tendo mais contato com os aparelhos tecnológicos do que com a própria realidade.

Assim, para pensarmos a sociedade atual, podemos abordar o conceito de sociedade do espetáculo de Guy Debord, visto que, na contemporaneidade, construímos uma fixação por imagem. Nada mais é real e acaba que a realidade se perde nas próprias mentiras que criam.

“As imagens fluem desligadas de cada aspecto da vida e fundem-se num curso comum, de forma que a unidade da vida não mais pode ser restabelecida. A realidade considerada parcialmente reflete em sua própria unidade geral um pseudo mundo à parte, objeto de pura contemplação. A especialização das imagens do mundo acaba numa imagem autonomizada, onde o mentiroso mente a si próprio. O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não-vivo.”(DEBORD, 1999, p.14)

O espetáculo é uma relação social mediada por imagens. Logo, na contemporaneidade, o ter e o ser já não trazem tanta relevância, o parecer ter ou o parecer ser passam a ser mais significativos. Assim, o ser humano desperdiça sua consistência ontológica, transformando em um simulacro, uma mera representação enganosa. Dessa forma, dentro do sistema capitalista, as pessoas passam a ser medidas pela sua capacidade de apresentar uma imagem que predomina em relação ao discurso ou que se articula a um dado discurso. (DEBORD, 1999)

As redes sociais, como Instagram, TikTok, Facebook e Youtube e Pinterest são as mais conhecidas e usadas, que trabalham com público, principalmente com imagens. Dentro dessas redes, os usuários postam fotografias tratadas em aplicativos (apps) e sites de photoshop<sup>5</sup>. Sendo difícil separar a produção imagética da realidade, ocorre que inúmeras mulheres se comparam com outras que não são reais.

As imagens expostas nessas redes são trabalhadas para atrair likes<sup>6</sup> e por conta disso são postadas apenas fotos perfeitas, com os melhores ângulos, melhor iluminação, com filtros e photoshop para deixar o rosto cada vez mais polido e o corpo mais curvilíneo. Dessa forma, essa imagem distorcida é vendida para as pessoas como a realidade, o que faz com que haja uma comparação inacabável sobre as pessoas que consomem esse conteúdo. E não são apenas em fotografias que a edição é feita. Com a tecnologia atual essa alteração também pode ser feita em vídeos e são de fácil acesso para qualquer um que tenha um aparelho telefônico. O aplicativo "Caput", que trabalha com edições de vídeos, oferece várias opções para modificar o rosto e o corpo, e cada vez mais esse tipo de retoque aparenta ser mais natural.

Mulheres famosas que possuem conta nessas redes são, por muitas vezes, conhecidas como ícones inalcançáveis de beleza. Assim, a estética delas é almejada, tendo em vista que parecem diferentes das mulheres comuns. A todo tempo estão absolutamente perfeitas, mas o que está por trás das câmeras, mostra uma imagem contrária a que é apresentada para os usuários. Assim, essas famosas não são perfeitas como elas demonstram, são pessoas normais, que possuem "imperfeições", que são características comuns, porém dadas como imperfeitas pelos padrões estéticos.

---

<sup>5</sup> Entende-se como photoshop, um retoque digital em vídeos e imagens.

<sup>6</sup> Ferramenta utilizada para medir a interação com o público.

Além disso, essa pressão para ser perfeita dentro das redes sociais é *tóxica*<sup>7</sup> e as mulheres que possuem características que são consideradas imperfeitas são criticadas e quem vende a imagem do perfeito é elogiado e invejado. Dessa forma, as próprias blogueiras e influencers de beleza, como são chamadas as mulheres que possuem contas ou canais voltados à produção de conteúdos de beleza e estética, também acabam sendo prejudicadas, visto que, quando elas aparecem em imagens de forma natural, sem uso de efeitos virtuais estéticos, há sempre enxurradas de críticas. Portanto, manter uma aparência perfeita é quase que uma obrigação da mulher e isso é sempre enfatizado pela mídia.

Assim, uma estratégia que as mídias fazem para mostrar uma imagem feminina perfeita é retocar as fotos e vídeos que são exibidos em campanhas e comerciais. Mas é possível perceber que, nos últimos anos, estratégias contra esse tipo de marketing enganoso, no qual são exibidas mulheres com photoshop, têm sido criadas, como leis que punem o ato de editar as fotos e que já foram e estão sendo implantadas mundo afora. Israel, no ano de 2013, impôs uma lei contra essas modificações, assim, eles exigem que todas as alterações precisam ser informadas.(G1, 2013) Essas imposições também foram feitas na Austrália, Reino Unido e França. No Reino Unido já foram barrados anúncios que possuíam muitas alterações e na França as fotos modificadas devem conter uma tarja com tal informação e caso não o façam, terão que pagar multa de até 30% do valor do anúncio. Essas leis foram impostas justamente por fazerem comparações irreais. (EGGERT, BBC, 2017)

Nas propagandas, aspectos naturais acabam sendo editados e colocados como defeitos e, assim, os consumidores dessa propaganda acabam por idealizar essa imagem, que nem mesmo o modelo da propaganda possui. Comerciais de cabelo, por exemplo, utilizam a melhor iluminação, ventiladores para dar balanço no cabelo, usam pranchas e *babyliss*, além de adicionar *mega hair* para apresentar um cabelo volumoso. As empresas de maquiagem colocam filtros com efeitos para parecer que as modelos não possuem linhas de expressão, poros, espinhas, cravos e etc. Empresas de roupa colocam edições nas fotos ou até mesmo as modelos utilizam enchimentos para que o corpo pareça mais simétrico e próximo ao perfeito.

Além disso, um grande problema é que esse estereótipo produzido nas mídias sociais está sempre se modificando. Portanto, uma característica que estava na "moda" a seis anos atrás pode

---

<sup>7</sup> traz efeitos negativos para o indivíduo

não ser considerada mais ideal ultimamente. Essa variável entre padrões estéticos faz com que as mulheres nunca estejam satisfeitas com seus corpos, sempre com a ideia que falta algo. Um exemplo dessa oscilação de padrão ocorreu acerca de dez anos atrás, quando o padrão de beleza era de mulheres mais curvilíneas com um corpo no estilo “panicat”<sup>8</sup>. Mas atualmente com a volta da moda dos anos 2000, cada vez mais a magreza está ficando em alta e os modelos voltam a ser um referencial de beleza. A modelo americana Bella Hadid vem se tornando um referencial de corpo. Com sua barriga extremamente chapada, cintura fina e pernas longas. (G1, 2022)

A valorização desses padrões expressos pela mídia, leva a desvalorização de quem está fora deles e à vivência de inferioridade, e mesmo pressionado a seguir esses padrões nem todos conseguem se encaixar, visto que essas características não podem ser alcançadas por todos. Portanto, se o padrão é ter cintura com medidas reduzidas e quem não tem esse fator genético, fica de fora e se sente inferior por isso. (CAMPOS, 2010, p.20)

Além da idealização de um corpo irreal, um dos grandes malefícios das mídias sociais é que elas incentivam as pessoas a buscarem se encaixar nesse ideal de beleza de maneira falha. Ao adentrar no YouTube, por exemplo, e pesquisar dietas, você irá visualizar que ao pesquisar haverá vídeos oferecendo regimes milagrosos que prometem uma grande redução de peso em curto espaço de tempo. Esses vídeos trabalham com falsas promessas e as dietas prescritas, na maior parte das vezes, indicam consumir uma quantidade extremamente reduzida de alimentos que conseqüentemente não suprirão as necessidades nutricionais de uma pessoa. E muitas mulheres acabam iniciando esse tipo de regime em busca de alcançar de maneira rápida o padrão ideal. Além disso, as próprias blogueiras de beleza, que não possuem formação alguma, estão sempre dando dicas sobre alimentação e cuidados, o que na verdade leva a desinformação, pois as mesmas não possuem graduação na área da saúde e de estética, o que seria necessário para esse tipo de *prescrição*. E, a priori, não deveria ser feito na internet, visto que cada corpo tem uma necessidade calórica diferente e sem um atendimento profissional e são necessários exames para que se excluam doenças pré-existentes e se identifique a melhor forma de tratamento. Essas divulgações nas redes sociais tendem a não ter sucesso, sendo algo arriscado e podendo até causar danos a longo prazo.

Esses vídeos possuem milhões de visualizações e curtidas e ao adentrar na aba de comentários poderão ser vistos vários relatos de mulheres que fizeram determinada dieta e

---

<sup>8</sup> Mulheres que participavam do programa Pânico em uma emissora de TV e que eram adeptas de academia.

conseguiram perder peso, mas, para além disso, também compartilham que sentiram sintomas como fraqueza, irritabilidade, ansiedade, entre outros sintomas, que evidentemente não são saudáveis. É necessário reforçar que a perda de peso na balança não é um indicador de emagrecimento duradouro e saudável. Quando uma pessoa se submete a dietas restritivas, acaba por comer uma quantidade tão reduzida de alimentos, que faz com que o corpo não consiga produzir energia suficiente para mantê-la estável. Assim, o organismo é forçado a acionar mecanismos de proteção. O corpo passa a fazer cetose (queimar gordura) e, dessa forma, o metabolismo é desacelerado, causando um aumento nos níveis de cortisol, fazendo com que eleve o nível de glicose no sangue, resultando em uma necessidade compulsiva de açúcar. Portanto, esse tipo de dieta além de perigosa, não é efetiva, visto que causa compulsão na grande maioria dos praticantes, na medida em que, logo na fase da cetose, o indivíduo acaba por ter danos psicológicos negativos, que fazem com que a pessoa coma de forma descontrolada, além de resultar em efeito “sanfona”, onde a pessoa emagrece e engorda novamente, muitas vezes até mais, já que o seu metabolismo foi desacelerado. (BJD, 2021)

E navegando mais a fundo dentro dessas redes podemos encontrar também comunidades, em aplicativos como twitter, que incentivam formas extremas de chegar à magreza. Assim, são postadas fotos de mulheres extremamente magras que são exaltadas por essas comunidades. Meninas pré-adolescentes ou adolescentes acabam por seguir as dicas desses locais, buscando por esse ideal. São encontradas nesses aplicativos dicas de como não sentir fome, comer pouco, ou ensinam, até mesmo, como vomitar os alimentos ingeridos, além de mensagens de incentivo à anorexia e a outros transtornos alimentares e isso é de fácil acesso, podendo ser encontrado ao colocar <sup>9</sup>Hashtags como "#Borboletana" ou "#Edtwtiter".

De acordo com o NEDA (National eating disorder) a incidência de Casos de anorexia aumentou nos últimos 50 anos em relação às mulheres da faixa etária de 15 a 25 anos. Deste modo, é perceptível que mesmo com os avanços nas comunicações e alertas aos perigos dos transtornos alimentares, o número de afetadas ainda cresce.

Na década de 80, a mídia determinava que os distúrbios alimentares eram provenientes de um caráter individual, e não culpa da sociedade. Assim, as pessoas que possuíam eram dadas como obsessivas ou perfeccionistas, e relacionavam suas condições com traumas na infância que

---

<sup>9</sup>A hashtag é usada para destacar palavras-chave ou tópicos dentro de um Tweet.

poderiam ter gerado esse transtorno, no entanto, todos os anos mulheres que viviam em ambientes onde nada extraordinário ocorria continuavam sendo afetadas por esses transtornos, o que mostrava que a teoria sobre ser algo apenas de caráter individual não poderia ser real. Dessa forma, percebe-se que essas mulheres, na realidade, estavam tentando manter um corpo magro e dentro dos ideais e acabam começando com dietas restritivas que levavam aos transtornos alimentares. (WOLF, 2015, P.17)

Um estudo sobre obesidade e transtornos alimentares em crianças e adolescentes comprovou que a dieta foi uma predisposição importante em relação a um possível transtorno alimentar em desenvolvimento. Concluíram que os adolescentes que fizeram uma dieta moderada tiveram 5 vezes mais chances de desenvolver um transtorno alimentar, e aqueles que praticaram dieta restritiva tiveram 18 vezes mais chances de desenvolver um distúrbio alimentar do que aqueles que não fizeram. (Golden, N. H. Schneider, M., & Wood, C., 2016)

Já nos tempos atuais, há o entendimento que os transtornos alimentares são condições psiquiátricas, e têm relação com o ideal de magreza prezado pela sociedade e com o sofrimento mental que ele causa, fazendo com que as mulheres se sintam insatisfeitas com seus corpos e culpadas por serem assim, logo o ato de comer passa a ser afetado. Atualmente, existem muitas pesquisas e debates sobre, que visam desestigmatizá-los. No entanto, o ponto negativo desse processo é que essa desestigmatização fez com que muitos jovens passassem a falar abertamente sobre seus transtornos alimentares, alguns atestando contra, e mostrando os perigos, mas, ainda existem uma subcultura de jovens que são favoráveis a anorexia, e endeusam mulheres extremamente magras. (WOLF, 2015, P.18)

## 2.1 Autoestima

A autoestima é subjetiva e necessita de uma valorização individual. Logo, outras pessoas não podem validá-la, mas os fatores externos podem contribuir para sua queda. Quando uma pessoa possui uma baixa autoestima, ela não se vê da forma que realmente é e na maior parte do tempo não enxerga saída para a mudança desse quadro, acabando por se sentir sempre inferior às outras.

Em um comercial da marca de cosméticos Dove, que foi uma criação da Ogilvy brasileira para a campanha "Retratos da Real Beleza", foi realizado um teste para verificar se as mulheres se enxergam diferente do que realmente são. Para isso, foram chamadas algumas participantes e um

artista forense do Federal Bureau of Investigation<sup>10</sup> (FBI) , especializado em retrato falado. No comercial, as mulheres descrevem as características de seus rostos para o artista, enquanto ele está atrás de um pano às desenhando de acordo com os traços que foram falados. Após terminar o retrato, as mulheres saem do ambiente sem que o artista as possa ver, e entra outra pessoa, que vai descrever a participante da perspectiva delas. Assim, o especialista começa o desenho do zero, agora com as informações dessa outra pessoa, que em alguns casos são os maridos, em outros são outras mulheres que conversaram com a participante anteriormente. Assim, depois de terminar os desenhos, eles são exibidos lado a lado, o primeiro com a descrição pessoal e o segundo com a da outra pessoa. E, em todos os casos, os retratos com a descrição do outro, além de parecer mais real e bonito, demonstra pessoas mais alegres e cheias de vida.



Fonte: trt haber (2013)

A imagem acima é retirada do comercial e demonstra como a internalização do ideal de beleza é prejudicial à autoestima feminina, fazendo-a depreciar seus corpos.

É visto que, dentro da atualidade, gradativamente as mulheres possuem uma redução na autoestima. Com isso, acabam se auto-objetificando, no sentido de internalizar o olhar do outro sobre seu próprio corpo. Essa prática leva a uma preocupação intensa com suas características físicas, fazendo com que a mulher passe a questionar sua validação a todo instante, se auto-vigiando e armazenando pensamentos degradantes sobre sua aparência, passando a martirizar seu corpo, e

---

<sup>10</sup> Unidade de polícia do Departamento de Justiça dos Estados Unidos.

se preocupar com os pensamentos externos, fazendo indagações constantes, como se questionar se o seu cabelo está bonito, se está magra o suficiente na roupa que utiliza, ao em vez de priorizar seus valores como pessoa. Logo, esses pensamentos intrusivos acabam sendo prejudiciais à saúde mental feminina. E essa avaliação física não é advinda de um narcisismo feminino ou de uma vaidade acentuada, vem de uma estratégia adaptativa da mulher, de controlar sua imagem, à medida que entendem que estão em um contexto onde são oprimidas e objetificadas. (LOUREIRO, 2014, P.16)

Dessa forma, a baixa autoestima passa ser uma medida que leva a objetificação, à medida em que mulheres possuem tendência a se comparar com a figura estética perfeita midiática e se sentir inferior. Ter uma boa autoestima também contribui para ser um escudo sobre esses pensamentos intrusivos, tendo em vista que, essas mulheres não precisam ficar reafirmando ou deslegitimando sua beleza. Assim, quando veem as imagens perfeitas vendidas pela mídia, não se sentem afetadas, pois não denotam tanta importância, evitando assim transtornos psicológicos.

Alguns métodos que as mulheres utilizam para o aumento da autoestima é a promoção da auto-aceitação, que diz respeito a se aceitar do jeito que é, e não se comparar com outras mulheres, entendendo que cada mulher tem sua particularidade e sua beleza natural, além disso, estar ciente que é incabível estar totalmente dentro dos padrões, e que as imagens perfeitas vistas na internet são construídas em aplicativos de edição que eliminam todas as características consideradas imperfeitas. (SOUZA, 2022)

Essa objetificação leva a uma sexualização exacerbada do corpo feminino, à medida que para a mulher, ser sexualmente atraente, contribui para o seu sucesso. Essa lógica, que interliga o sucesso com a estética acaba sendo um componente que gera adoecimento e ansiedade, visto que, acaba incentivando as mulheres a se sentirem insatisfeitas com seus corpos, e com medo de fugir desse padrão e não serem mais valorizadas. Assim, vivem aprisionadas aos seus corpos com receio de engordar, sair sem maquiagem e possuir espinhas. Logo, toda essa preocupação acaba sendo degradante. (LOUREIRO, 2014, P.18)

Dessa forma, a objetificação pode ser vista como algo positivo pelas as mulheres, tendo em vista que dá a sensação de que elas controlam seus corpos, mas, na realidade, acaba sendo um objeto de controle da sociedade sobre elas, à medida que acaba demandando que a mulher gaste recursos em favor disso.

Assim, essa atratividade feminina passa a ser uma questão mais intensa ao adentrar no envelhecimento, em uma sociedade que preza pela aparência jovem. Quando as modificações corporais naturais do corpo começam a surgir, a autoestima das mulheres maduras tende a decair, à medida que a sociedade não as vê como sexualmente atraentes. Portanto, isso acaba gerando um adoecimento nessas mulheres, que não são mais vistas como belas. Essa visão deturpada prejudica até mesmo as relações românticas, tendo em vista que a beleza acaba sendo um fator importante nos relacionamentos. Assim, acaba resultando em divórcios e em casos de mulheres que são trocadas por outras mais jovens.(LOUREIRO, 2014, P.22)

Portanto, a beleza hoje enfraquece as relações e as torna mais fúteis. Vemos casos em que mesmo em relacionamentos longínquos ocorre essa busca por mulheres mais novas.

## **Considerações finais**

Partimos da questão norteadora: “Por que as mulheres são submetidas e/ou se submetem a um ideal de corpo, a uma imagem corporal perfeita?” e tendo em vista os aspectos observados, percebemos que a busca por um ideal de beleza não é uma questão advinda da contemporaneidade e esteve presente ao longo de toda a história da humanidade, devido ao fato de que o corpo é construído socialmente. E esses ideais tinham uma diversidade maior em razão da pluralidade de culturas, o que acaba se modificando ao tratar da modernidade, à medida que com a globalização os padrões tendem a se tornar cada vez mais semelhantes.

Vale ressaltar que a noção de feminilidade teve um lugar expressivo ao pensar a beleza feminina. Na Idade Média a hegemonia da Igreja resultava em maior controle sobre os corpos femininos, impondo que a mulher necessitava parecer pura. Logo após, no Renascimento, há uma descentralização da Igreja, por conta do Antropocentrismo- O homem no centro-, nessa época a beleza e a estética passam a ser importantes. Já ao pensar no período do século XIX ao XX, acabam surgindo muitas inovações em decorrência do capitalismo e da sociedade de consumo que propicia um avanço no mercado da estética.

Ao pensar na Modernidade, os padrões passam a ser mediados por imagens, resultando em uma maior pressão sobre as características físicas em função do avanço da ciência e das mídias sociais, que passam a disseminar um ideal de perfeição que vai além da natureza humana idealizando que os corpos não devem possuir seus próprios traços naturais, e que vende a ideia de que a mulher feliz e realizada precisa estar dentro dos padrões.

Além disso, o aspecto positivista da sociedade contemporânea também contribui para essa idealização da perfeição, à medida que impõe que o ser humano precisa progredir, Assim, nossos corpos devem ser melhorados. Na atualidade, a feiura é algo implausível, por tanto toda e qualquer característica que possuímos que seja contra esse ideal, deve ser corrigida, até mesmo o envelhecimento.

Desse modo, chegamos a uma era onde a mídia e as redes sociais podem ser nocivas à saúde física e mental do público feminino. A ideia de aceitação e desconstrução do padrão não significa parar de se cuidar ou de se preocupar com a saúde. É uma estratégia para parar de menosprezar o próprio corpo, o que não significa dizer que as pessoas devem se acomodar e deixar de praticar exercícios ou se alimentar de maneira incorreta. É importante analisar o motivo pelo qual estão realizando tal processo, se o fim for apenas a estética, querer mudar a si mesmo para que se adeque

aos padrões, essa estratégia acaba sendo falha e pode gerar consequências para quem está visando essas mudanças, pois quem procura estética, passa a buscar maneiras mais rápidas para agilizar os resultados, de modo que possam estar dentro desse ideal tão almejado por elas.

Para estimular o público feminino, a mídia promove os procedimentos estéticos e cirurgias plásticas como intervenções que devem ser feitas sobre quem possui características contrárias aos padrões. Dessa forma, é cada vez mais comum realizá-los e passa a ser algo quase que forçado sobre as mulheres. Assim, em busca de alcançar a "beleza" e sob todos os incentivos e motivações para realizar tal processo, as mulheres acabam se submetendo a eles, e no final, esses procedimentos notoriamente acabam elevando a autoestima delas. Atribui-se determinada característica a um sonho de consumo, um ideal de corpo, e quando conseguem possuí-lo é evidente a felicidade. Mas, é necessário se atentar sobre os danos psíquicos que podem gerar essa busca pelo corpo perfeito e a ligação da felicidade com a beleza.

Assim, esta busca pelos procedimentos estéticos demonstra o aspecto narcísico da sociedade atual, que é impulsionada pela mídia e pela estrutura do capitalismo. Dessa forma, constrói-se um grande esforço para obter o sentimento de satisfação pessoal, e uma fuga da realidade, onde o indivíduo é incapaz de se enxergar de maneira correta e deprecia todas as suas características individuais, buscando obter uma imagem corporal que o satisfaça. A beleza passa a ser um "traço de personalidade", um componente que expõe a sua identidade pessoal. A aparência física passa a deter um nível de importância que induz o indivíduo a almejá-la de forma prejudicial ao corpo.

Diante do exposto, é perceptível que a sociedade contemporânea preza por um padrão estético homogêneo, que é ressaltado pela mídia e pelas redes sociais, e que as mulheres acabam sendo submetidas a estarem dentro desses padrões, visto que, se não estiverem incluídas, são dadas como negligentes ou desleixadas. E é notório que essa pressão gera um adoecimento psicológico na mulher, podendo resultar em diversos sofrimentos psíquicos e ser prejudicial à autoestima das mulheres, que acabam por se sentirem insignificantes e inferiores em decorrência de não conseguirem atingir a expectativa que a sociedade detém sobre elas. Mas entendemos que é possível provocar mudanças diante de tais expectativas de homogeneização do corpo feminino ou de um padrão de feminilidade, mas para tal é necessário questionar ainda mais a estrutura patriarcal e machista presente até hoje, mas esse é um desenvolvimento para uma pesquisa posterior.

## 6. REFERÊNCIAS

ASSIS, SG., E AVANCI, JQ. **Labirinto de espelhos: formação da auto-estima na infância e na adolescência [online]**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. Criança, Mulher e Saúde collection. 208 p. ISBN 978-85-7541-333-3. Available from SciELO Books .

ANDRADE, Ângela. BOSI; Maria Lúcia Magalhães. **Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino.** Revista de Nutrição, Campinas, P. 117-125, 2003.

BROGLIO, A. ET AL. **O Design Digital em Defesa da Representatividade nos Brinquedos,** 2021. Disponível em: \*clc\_designdigital\_tcc\_broglio\_aj.pdf Acesso em: 17/11/2022

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOSANELLO, Maria. **Darwinismo social, eugenia e racismo científico: sua repercussão na sociedade e na educação brasileira.** Educ. rev. (12) • Dez 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.166> . Acesso em: 06/11/2022.

CAMPOS, V.P.P.. **Beleza, feminilidade e reflexividade : um estudo sobre a mediação agência estruturada por mulheres intelectuais.** 2010. Disponível em: <https://repositório.ufpe.br/handle/123456789/9182> Acesso em : 06/03/2022.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FREUD, S. **Sobre o narcisismo: uma introdução [1914],** vol. XIV. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ **Conferências introdutórias sobre psicanálise [1917] , vol. XVI.**

\_\_\_\_\_ **Psicologia das massas e análise do eu [1921], vol. XVIII.**

\_\_\_\_\_ **O eu e o isso [1923], vol. XIX.**

\_\_\_\_\_ **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise [1932], vol. XXII**

GALANTE, L.C. **Sociologia de Durkheim e o fato social: Reflexões teóricas.**2021. Disponível em: **em:**<https://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20211116091947.pdf> Acesso 15/06/2022

HAN, B.C. **Sociedade do cansaço.** Rio de Janeiro: HAN, B. **Sociedade do cansaço.** Rio de Janeiro: Editora Vozes; 1ª edição (1 janeiro 2015)

MARTINS, A. P.V. **Visões do Feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX.** Disponível em: Visões do Feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX - Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz): Ciência e tecnologia em saúde para a população brasileira. Acesso:10/06/2022

MAUSS, Marcel. 2003. **As técnicas do corpo.** In: *Sociologia e Antropologia.* São Paulo: Cosac & Naify, pp.399-422. [1934]

MAZUREGA, J.C. **Um olhar psicanalítico sobre o padrão de beleza feminino na atualidade.** 2019. Disponível em:  
<<http://186.251.225.226:8080/handle/123456789/189>> Acesso em: 10/02/2022.

MIRANDA, L.R. **Prática de dietas restritivas e o estado nutricional em adolescentes de Cuiabá, Mato Grosso.** Disponível em:  
<[TCC\\_2017\\_Laísarodriguesmiranda.pdf\(ufmt.br\)](http://TCC_2017_Laísarodriguesmiranda.pdf(ufmt.br))>. Acesso:10/06/2022.

MIZAEL, T.E. e BARROZO, S.C.V. **Solidão da mulher negra: uma revisão de literatura.** Revista da ABPN, v.13, n.38, p. 212-239, 2021. Disponível em:  
<[abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1270/1233](http://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1270/1233)>. Acesso: 10/10/2022

NETTO, C.V. **Estereótipo produzido no instagram: A padronização do corpo feminino.** Anais CIC,2022. Disponível em: [13.03.pdf\(fio.edu.br\)](http://13.03.pdf(fio.edu.br)) Acesso em: 18/02/2022.

PINTO, Tales dos Santos. **"O que é Idade Contemporânea?"**; *Brasil Escola.* Disponível em:  
<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-idade-contemporanea.htm>. Acesso em: 15/07/2022

SEBASTIÃO, M.P. e PESCE, L. **Resenha da obra “Cibercultura” de Pierre Lévy.** Revista Digital de Tecnologias Cognitivas. PUC-SP. 2010. Disponível em  
[http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/resenhas/2010/edicao\\_3/3-cibercultura-pierre\\_levy.pdf](http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/resenhas/2010/edicao_3/3-cibercultura-pierre_levy.pdf)  
Acesso em: 27/06/2022

SOUZA, Bruna. **Patriarcado e teoria política feminista: Possibilidades na ciência política**, Belo Horizonte, 2019.

QUINET, A. **Um Olhar a Mais. Ver e ser visto na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002  
USP, **Cresce em mais de 140% o número de procedimentos estéticos em jovens**.

Jornal da USP. 2019. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/cresceu-mais-de-140-o-numero-de-procedimentos-esteticos-em-jovens-nos-ultimos-dez-anos/>>. Acesso em: 06/03/2022.

USP. **Darwin e os darwinistas**. **Jornal da USP**. 16.10.2019. Disponível em:  
<https://jornal.usp.br/artigos/darwin-e-os-darwinistas/>. Acesso em: 02/08/2022

SANTOS. **Adolescência e corpo: Ideais contemporâneos?. 2013**. Disponível em:  
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/8650/6534> Acesso em:  
02/03/2022

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; FARIA, Aline Almeida. **Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas**. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 2006.

SUENAGA, C. ET AL. **Conceito, beleza e contemporaneidade: fragmentos históricos no decorrer da evolução estética** . UNIVALI, 2012. Disponível em:  
<<http://siaibib01.univali.br/pdf/Camila%20Suenaga,%20Daiane%20Lisboa.pdf>> Acesso  
:10/02/2022.

WOLF. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres/ Naomi Wolf**; tradução Waldéa Barcellos- 1 edição- Rio de Janeiro: rosa dos tempos, 2018. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=bzltDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT7&dq=info:W-Krab96CDQJ:scholar.google.com/&ots=INQmT4xkIC&sig=yjLLr3y0-n4AWnE1Oc6fELdvFMU#v=onepage&q&f=false>> Acesso: 22/11/2022

